

---

# O FUTURO PERFEITO EM PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO: ALTERAÇÃO SEMÂNTICA

## THE *FUTURO PERFEITO* IN CONTEMPORARY EUROPEAN PORTUGUESE: SEMANTIC CHANGE

---

ISABEL MARGARIDA DUARTE

*Universidade do Porto*

iduarte@letras.up.pt

**Resumo:** O *futuro perfeito* ou composto do indicativo é tradicionalmente descrito como um tempo que indica anterioridade no futuro, tendo por ponto de referência um outro tempo também futuro. Outro valor referido pelas descrições tradicionais é o modal de conjectura ou incerteza. Atualmente, o tempo usa-se escassamente com valor temporal e emprega-se, sobretudo, com valores modais, nomeadamente enquanto mediativo, no discurso jornalístico, no género notícia, com valor evidencial: a fonte de conhecimento não é o locutor, que o recebeu de uma outra origem. Por contraposição com outras línguas românicas, o *futuro perfeito* tem um valor reportativo e, em português europeu, não é o condicional o tempo que mais serve para indicar uma fonte de informação reportada. O principal e mais frequente valor atual, de reportativo, decorre, muito provavelmente, do valor modal epistémico. Por indicar que uma proposição refere factos acontecidos (o que decorre do seu valor aspetual perfeito), mas não a assumir como necessariamente verdadeira, este tempo configura usos discursivos em que um locutor reporta enunciados sobre certos factos, mas sem se responsabilizar pela respetiva validação.

**Palavras-chave:** *futuro perfeito*, temporalidade, aspeto, evidencialidade, modalidade epistémica.

**Abstract:** The *futuro perfeito*, a compound tense of the indicative, is traditionally described as a tense that indicates anteriority in the future, having as a point of reference another tense that is also future. Another value referred to by traditional descriptions is the modal of conjecture or uncertainty. Currently, we rarely use this tense with temporal value. It is used, above all, with modal values, namely as mediative, in journalistic discourse, in the news genre, with evidential value: the source of knowledge is not the speaker, who received it from another origin. In contrast with other Romance languages, the *futuro perfeito* has a reporting value. In European Portuguese,

the conditional is not the tense that serves more usually to indicate a reported source of information. The main and most frequent current reporting value seems to stem from the epistemic modal value. Indicating that a proposition refers to facts that happened (which stems from its *perfeito* aspect value) but not assuming it as necessarily true, this tense configures discursive uses in which a speaker reports statements about specific facts, without taking responsibility for the respective validation.

**Key words:** *futuro perfeito*, temporality, aspect, evidentiality, epistemic modality.



## 1. INTRODUÇÃO

O valor atual do *futuro perfeito* ou futuro composto do indicativo, em Português Europeu (PE), não coincide, na maior parte das ocorrências, com o uso e valores que este tempo verbal tinha, segundo a descrição gramatical tradicional. Pouco se emprega, nos nossos dias, com esse valor temporal, que indica a relação de anterioridade de um tempo futuro tendo por ponto de referência um outro tempo também futuro, mas anterior ao primeiro. As gramáticas referem ainda um valor modal de incerteza ou dúvida quanto a um facto concluído. O *futuro perfeito* do indicativo é hoje sobretudo atestado, com muita frequência, em textos jornalísticos de tipo informativo, onde não indica qualquer relação temporal de anterioridade entre um tempo futuro e outro, também futuro. O objetivo deste texto é dar conta dessa mudança de usos e valores.

Atualmente, o *futuro perfeito* é utilizado, sobretudo, no discurso de imprensa, com valor de mediativo (no sentido de Guentchéva 1994, 1996), referindo um facto já passado no momento da enunciação, e configura uma forma discreta de relato de discurso, valor idêntico ao do condicional em outras línguas românicas, e no português do Brasil. Daí ter sido no âmbito do estudo do relato de discurso em PE que a evidência do seu valor citativo se nos impôs. O valor mediativo ou citacional do condicional foi referido, de passagem, em Duarte (1999), a partir da leitura de estudos sobre o francês, o italiano e o espanhol. Só mais tarde (Duarte 2008, 2009, 2010, entre outros), perante dados eloquentes do corpus CETEMPúblico, nos apercebemos de que, em PE, era o *futuro perfeito* a ocupar o lugar que o condicional citacional tinha em outras línguas românicas (cf. Haillet 1998, 2003; Dendale 1993, 2001;<sup>1</sup> Squartini

---

1. Foi sobretudo em 2001 e 2002 que se deu um verdadeiro *boom* de textos sobre o condicional jornalístico francês.

2004a; Giomi 2010, 2017, entre outros). Embora o condicional (simples e composto)<sup>2</sup> e o futuro simples também ocorram, em PE, com valor mediativo, tal acontece em muito menor percentagem do que o *futuro perfeito* e, se o condicional tem, no Português Brasileiro, valor mediativo, já o Brasil desconhece quase completamente o valor mediativo e epistémico que o *futuro perfeito* tem em PE (cf. Neves 2003; Duarte 2009, 2010; Silva 2022).<sup>3</sup> Esta especificidade do futuro em português europeu é sublinhada por Squartini (2004a: 69):

[...] il portoghese mostra infatti una particolare distribuzione dei rapporti tra forma e funzione, del tutto inedita nell'area romanza. La particolarità riguarda la possibilità di usare il Futuro per segnalare il carattere 'riportato' dell'informazione, che viene così attribuita ad una fonte esterna al locutore. Le altre lingue romanze attribuiscono al solo Condizionale questa funzione 'riportativa', [...], mentre il portoghese ha la possibilità di impiegare in questo caso, oltre al Condizionale [...], anche il Futuro.

Vejamos, rapidamente, o quadro 1, gerado com os dados do corpus NOW,<sup>4</sup> de Georgetown, para «terá dito». É notória a diferença de frequência entre PB e PE.<sup>5</sup>

Frequency by country		(Return to frequency by year)		
SECTION	FREQ	SIZE (M)	PER MIL	CLICK FOR CONTEXT (SEE ALL)
Brasil	12	929.3	0.01	
Portugal	2028	493.9	4.11	
Angola	21	16.1	1.30	
Moçambique	11	3.7	3.01	

Quadro 1. Terá dito no *corpus* NOW

No mais recente corpus de Mark Davies, há 169 vezes mais ocorrências em PE do que em PB.<sup>6</sup> Neste corpus, entre 2012 e 2019, em PE, as ocorrências aumentaram

2. Por vezes, as notícias com condicional têm por origem a agência France Press, observação que agradeço a Françoise Bacquelaine.

3. As referências ao *futuro perfeito* em artigos e teses escritos no Brasil permitem concluir que, em PB, o uso reportativo não é conhecido. Veja-se, por exemplo, Silva (2014: 1025): «Há também o futuro passado ou anterior, que indica uma ação que se fará quando outra igualmente futura se tiver executado (RIBEIRO, op. cit.): Quando vieres, terei partido para o campo; Quando chegarem os esforços, já terá entrado em fogo o exército. Percebamos, nesses casos, o apoio sintático-semântico do futuro do subjuntivo como indicador de uma possibilidade futura. García (1969) chama esse emprego de futuro anterior a outro, usualmente dito futuro composto, nomenclatura que, segundo ele, traduz bem o seu verdadeiro sentido: Quando você chegar, ele terá saído (sair é anterior a chegar).»

4. O Corpus do Português NOW (Notícias na Web) contém aprox. 1,4 mil milhões de palavras de jornais e revistas online desde 2012 até 2019, de quatro países onde se fala português.

5. Não falaremos de Angola e Moçambique, mas os usos estão mais próximos do PE, por razões históricas: a independência desses países foi em 1975 sendo, portanto, recente.

6. No corpus mais antigo, Genre / Historical, havia 18 vezes mais ocorrências em PE do que em PB.

vinte vezes. Segundo uma crónica de Ricardo Araújo Pereira<sup>7</sup> (2015), a que voltaremos neste texto, «A pesquisa «Sócrates terá», no Google, devolve 19 mil e 300 resultados». Seis anos depois, em 27/01/2021, havia 1 190 000 resultados (0,38 segundos).

O emprego frequente do *futuro perfeito* na imprensa portuguesa inclui vários matizes referidos em trabalhos anteriores (Duarte 2008, 2009, 2010, etc.), que merecem ser aprofundados. Nenhuma gramática do português consultada —Cunha & Cintra (2000); Mateus *et alii* (2003); Azeredo (2008); Raposo *et alii* (2013); Bechara (2015)— assinala o valor citativo do *futuro perfeito*. A penúltima, mais recente, não refere este valor quando descreve o *futuro perfeito*, mas apenas no capítulo sobre discurso relatado, da nossa autoria (Duarte 2020). Vale a pena, portanto, insistir na descrição desta forma verbal, ainda pouco estudada, porque apresenta, hoje, valores mais complexos e variados do que os que a tradição gramatical propôs. Esses valores podem ser explícitos, mas podem exigir que o leitor faça inferências, seja capaz de deduzir do dito o que está implícito, esteja alerta para não ser vítima das manhas discursivas e da manipulação. A compreensão do futuro (simplex ou composto) a que se costuma chamar conjetural parece desencadear implicaturas conversacionais (Grice 1975; Escandell Vidal 2010), a que voltaremos.

A abordagem do *futuro perfeito* é enquadrada, neste texto, numa perspetiva enunciativo-pragmática, que tem em conta os sentidos dos textos nos seus contextos. Em vez de exemplos forjados pelo linguista, que partem da respetiva intuição, utilizar-se-ão corpora, ou seja, far-se-á a análise de ocorrências e exemplos reais, atestados a partir da língua em uso (Duarte 2018). Como escreve Silva (2022: 269), todas as categorias gramaticais «[...] emergem do uso linguístico, no sentido de serem abstraídas e convencionalizadas como rotinas cognitivas a partir da interação verbal». Por isso só faz sentido estudarmos os usos, armazenados em corpora ou não.

Os objetivos deste texto são, pois: referir, brevemente, (1) alguns usos e valores do futuro em português; (2) relembrar a descrição gramatical tradicional do *futuro perfeito*; (3) explicar os novos usos do *futuro perfeito* à luz das categorias evidencialidade e modalidade epistémica; (4) mostrar que o tempo verbal em estudo sofreu uma mudança quanto a uso e valores.

Assim, depois da Introdução, iremos, no ponto 2., referir algumas peculiaridades do futuro em português. Falaremos, brevemente do futuro sintético (2.1) e da descrição tradicional do *futuro perfeito* (2.2). O ponto 3, partindo dessa descrição gramatical tradicional, ocupar-se-á dos usos e valores que a forma verbal hoje tem,

7. Trata-se da crónica «O valor jornalístico que o terá terá» (*Visão*, 2015; <<https://visao.sapo.pt/opiniao/2015-01-15-o-valor-jornalistico-que-o-tera-teraf807074/>>; acedido em 12/04/2023).

relacionando-a com o pretérito perfeito (em 3.1) e equacionando esses valores à luz dos conceitos de evidencialidade e de modalidade epistémica (em 3.2). Por fim, o ponto 4 ocupa-se do processo de mudança sofrido pelo *futuro perfeito* e, em 5, serão feitas algumas considerações finais.

## 2. ALGUMAS PECULIARIDADES DO FUTURO EM PORTUGUÊS

O estudo do futuro, nas línguas românicas, deveria privilegiar, segundo Baranzini (2017), a interface morfologia, semântica, pragmática, e ter em conta, obrigatoriamente, as noções de temporalidade e modalidade.

### 2.1 O FUTURO SINTÉTICO

Numa breve introdução ao futuro em português, centramo-nos, primeiramente, no futuro sintético. Os dois valores estáveis do futuro sintético, tempo verbal idêntico em português e em italiano, as línguas que Giomi (2017) compara, são, segundo ele, os valores temporais e modais epistémicos. Na sua opinião, todos os outros valores não seriam gramaticais mas sim derivados e decorreriam destes dois centrais, em face de determinados fatores linguísticos e contextuais.

O futuro sintético tem vários valores, a maior parte dos quais não são de tipo temporal, quer em português quer em outras línguas românicas: veja-se Giomi (2010, 2017), Cunha (2019) para o português, na senda de trabalhos anteriores de Oliveira (1985); Escandell Vidal (2010), para o espanhol; Squartini (2004a) para o italiano, por exemplo. O valor temporal do morfema de futuro como indicação de posterioridade relativamente ao momento da enunciação não é o mais frequente deste tempo verbal (Oliveira 1985; Giomi 2010, 2017; Cunha 2019; Marques 2020, entre outros) e é estilisticamente marcado. Com efeito, a futuridade é habitualmente indicada pelo emprego do presente do indicativo, como em (1), ou da forma perifrástica *ir (presente do indicativo) + infinitivo*, como em (2), como, aliás, em outras línguas românicas. Vários autores referem ainda a perifrástica *ir (no futuro) + infinitivo*,<sup>8</sup> como em (3) (cf. Cunha 2015a, 2015b, 2016); e Mória 2017, que fala, a este propósito, de «futuro perifrástico «redundante»» (2017: 222)). Fidalgo (2020) chama a atenção para o uso cada vez mais frequente desta perífrase.

8. No corpus NOW, o número de ocorrências de iremos + infinitivo, em PE, duplicou de 2012 para 2019. Telmo Mória (2017: 223) refere, também, que esta perífrase é muito frequente no CETEMPúblico.

- (1) então **vemo**-nos logo à noite. (C-Oral-Rom, ptelpv16.txt)
- (2) *par=ext6675-nd-96b-1*: A AMI **vai voltar** ao Zaire, onde já trabalhou em anteriores crises. (CETEMPúblico)
- (3) «Estou convencido que **iremos encontrar** uma solução», reforçou. (RTP, 30/06/2019)<sup>9</sup>

Para exprimir posterioridade, estão disponíveis, assim, além do futuro simples, as formas acima referidas que, como Oliveira (1985) mostrou, têm determinados valores pragmáticos. O futuro perifrástico *ir (presente) + infinitivo* tem valor de planeamento pré-estabelecido, e carrega também a «[...] expressão de valores de eminência» (Móia 2017: 237); o presente com valor de futuro reforça a asserção e indica também eminência; *ir (futuro) + infinitivo*, marca, sobretudo nas primeiras pessoas, como refere Fidalgo (2020: 63),<sup>10</sup> «[...] um compromisso elevado com a ação futura», configurando, frequentemente, atos ilocutórios de tipo compromissivo. Já Móia (2017: 224) afirma que as várias formas de expressar valores futuros tendem a ser usadas em português (pelo menos europeu) escrito, como genuínas variantes, não associadas a distinções estilísticas acentuadas.

Sendo a posterioridade principalmente indicada pelos processos referidos, o futuro sintético tem sobretudo valores modais de probabilidade e conjectura, assinala, preferencialmente, incerteza, como defende Marques (2020), entre outros. Parece-nos que também pode existir esse valor modal de probabilidade e conjectura em exemplos reportativos de futuro sintético, como os seguintes:

- (4) João Lourenço, presidente de Angola, **estará** a ser investigado nos Estados Unidos. (Notícias ZAP, 16/02/2021)
- (5) Esta evolução **estará** relacionada com o facto de as pessoas estarem a contribuir para o sistema durante mais anos. «O número de pensões de valor mais reduzido **estará** a diminuir uma vez que a dimensão das carreiras contributivas está a aumentar», avança Miguel Coelho. (DN, 30/06/2019).

Como Rui Marques afirma, com apoio em exemplos tanto de futuro simples como de futuro composto: «[...] epistemic Future is much more natural than the Future with a temporal reading» (Marques 2020: 14). Giomi fala de ambiguidade do futuro sintético entre leituras temporais e modais, e Cunha (2019) mostra alguns exemplos em que esta forma verbal tem, simultaneamente, valores temporais de futuridade e

9. <[https://www.rtp.pt/noticias/mundo/cimeira-que-se-antecipa-longa-comeca-ja-com-atraso\\_n1157355](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/cimeira-que-se-antecipa-longa-comeca-ja-com-atraso_n1157355)> (acedido a 07/04/2023).

10. Móia (2017) refere, em nota de rodapé, falantes para quem *ir* no futuro como auxiliar implicaria mais incerteza, mas não considera essa hipótese muito consistente.

modais epistémicos. Vale a pena, segundo este autor, reconsiderar os usos temporais de futuro simples e, sobretudo, perceber que este tempo autoriza leituras modais, mas continua a ser usado também com valor temporal<sup>11</sup> básico, isto é, situar os factos num momento posterior ao tempo da enunciação. Daí que o humorista Ricardo Araújo Pereira, na crónica já referida<sup>12</sup> em que reflete ironicamente sobre o excesso de uso do futuro com valor reportativo e probabilístico na imprensa contemporânea (dando exemplos, sobretudo, de *futuro perfeito*), escreva o enunciado do exemplo (6), em que o futuro tem valor temporal (cf. «uso convencional do futuro do verbo ter»). Defende, na crónica, que as notícias usam o *futuro perfeito* porque o locutor não tem a certeza dos factos que reporta e não se quer responsabilizar pela sua validação:

- (6) «Sócrates terá 60 anos em 2017.» É das poucas notícias que podemos dar acerca de José Sócrates recorrendo ao uso convencional do futuro do verbo ter.

Giomi, como Squartini (2004a), destaca a excecionalidade do futuro reportativo do PE (referindo-se sempre ao futuro simples). Dos vários valores deste tempo que estuda, os usos diretivo, histórico, volitivo, atenuativo, deôntico e gnómico derivariam do valor gramatical temporal, enquanto os valores concessivo e reportativo decorreriam do valor epistémico.

Alguns dos exemplos do português, quer de Giomi quer de Squartini, são de *futuro perfeito* e não de futuro sintético. Por outro lado, são quase exclusivamente de PE. Como este texto é sobre *futuro perfeito*, teremos de abandonar os valores do futuro simples.

À descrição do emprego tradicional do *futuro perfeito* (em 2.2), segue-se a de usos recentes em que o valor temporal perdeu espaço para outros, de tipo modal. Por um lado, valores de mediativo, que sugerem um discurso relatado; por outro, um valor pragmático conjetural, de probabilidade, dúvida, incerteza quanto a um acontecimento passado, um valor de modalidade epistémica. Decorrente deles, consideraremos o contributo do tempo verbal para a desresponsabilização do locutor face à predicação presente no conteúdo proposicional do seu enunciado.

11. Note-se que parece haver, como Cunha (2019: 62) refere, «[...] sensibilidade do Futuro Simples às classes aspetuais das predicções com que se combina», tópico que não teremos em conta neste texto.

12. A crónica é construída em torno do efeito de desresponsabilização do locutor carreado pelo *futuro perfeito* no discurso da imprensa.

## 2.2 DESCRIÇÃO TRADICIONAL DO FUTURO PERFEITO

Segundo Mória (2017: 228), «Em português padrão, a anterioridade a um ponto de perspetiva futuro é expressa canonicamente mediante o futuro perfeito, [...], como nos exemplos seguintes:

- «(31) a. À meia-noite, o Pedro já *terá escrito* as cartas.  
b. Quando o pai chegar, o bebé já *terá acordado*».

O último exemplo de Mória é idêntico ao de Epifânio da Silva Dias (1933: 195):

- (7) Quando ele chegar [futuro do conjuntivo; T<sub>2</sub>], já eu terei jantado [futuro perfeito do indicativo; T<sub>1</sub>].

Para a descrição gramatical tradicional, o *futuro perfeito* ou futuro composto é um tempo verbal que indica uma ação futura (T<sub>1</sub>), referida pelo *futuro perfeito*, anterior a uma outra ação também futura (T<sub>2</sub>), indicada pelo futuro do conjuntivo. A primeira estará completamente acabada quando a outra ação futura acontecer, e daí a designação «perfeito», que remete para a categoria aspeto.<sup>13</sup>

Sten (1973: 260) considera que o primeiro sentido deste tempo verbal «[...] serait l'expression d'une action accomplie du futur». Descreve o valor tradicionalmente atribuído ao *futuro perfeito* português, em frases como a do exemplo (31b) e (7), citando Epifânio da Silva Dias: «O fut. perfeito serve, em primeiro lugar, de exprimir que uma acção futura em relação ao tempo presente estará consumada, antes de outra acção também futura...» (Dias, *apud* Sten 1973: 260). Este valor é típico de frases complexas com esta estrutura de uma principal, que inclui o *futuro perfeito* e uma oração adverbial temporal, com o futuro do conjuntivo, ou de frases com um adjunto temporal. Segundo Mória (2017: 220), este

[...] uso é anafórico, na medida em que há um ponto de perspetiva futuro estabelecido no contexto discursivo, normalmente antes da forma verbal relevante, por meio de uma oração precedente ou de um adjunto temporal em posição inicial.<sup>14</sup> A situação descrita é localizada relativamente a esse ponto de perspetiva previamente introduzido e não diretamente em relação ao momento da enunciação.

13. No exemplo (1), também «já» contribui para o valor aspetual perfetivo do *futuro perfeito*.

14. A oração pode ser precedente ou não, e o adjunto temporal não está, frequentemente, em posição inicial.

Porque a forma verbal tem valor temporal de anterioridade, mas também aspetual perfeito, usamos hoje, em registo informal, neste contexto, sobretudo o pretérito perfeito, tempo verbal que ocupa um espaço cada vez mais largo no espectro dos tempos do passado em português.<sup>15</sup> Produzimos então, num discurso mais informal, marcando a anterioridade de «jantar» relativamente a «chegar a casa», um enunciado como (8):

- (8) Quanto ele chegar a casa, já eu jantei.

Diana Santos, no sítio da Linguateca,<sup>16</sup> escreveu: «O futuro perfeito também se usa para exprimir um tempo futuro anterior a outro tempo também futuro: [...] embora esteja a ser substituído pelo Perfeito com *já* na linguagem falada». Parece paradoxal, para um leigo, que o pretérito perfeito se use para localizar um evento num tempo futuro. Na verdade, o ponto de referência temporal é futuro, o momento em que ele vai «chegar a casa» e, em relação a esse momento T<sub>2</sub>, T<sub>1</sub> será passado. A consideração destes usos aparentemente paradoxais dos tempos verbais justifica a afirmação um pouco ingénua de Ricardo Araújo Pereira, no texto referido atrás, sintoma de que o valor probabilístico do futuro (no caso do exemplo, perfeito ou composto) causa alguma perplexidade:

- (9) «Funciona assim: “Fulano **terá feito** uma falcatrua.” Quando? No passado. Mas o verbo *ter* está no futuro».

«Terá feito» indica, tal como o humorista refere, uma ação realizada no passado. Mas não temos a certeza se realmente o facto referido, «uma falcatrua», aconteceu.

Epifânio da Silva Dias, citado por Sten, acrescenta, sobre o *futuro perfeito*: «O fut. perfeito também serve de exprimir o resultado seguro de uma acção futura: *Se fizermos isto, teremos alcançado uma grande vitória*». Sten (1973: 270) reconhece que o emprego do *futuro perfeito* «[...] présente le plus souvent un caractère affectif», adjetivo que se costumava usar quando os valores, difíceis de descrever, são de tipo pragmático. Refere ainda o valor modal de incerteza do futuro nas interrogativas, acrescentando: «S’il s’agit de «past time», le futur parfait peut également exprimer cette nuance «Eles» terão dito alguma coisa ao Jorge, antes da partida? Ou terão escrito? (Archer, Mal, 264)». Nesta descrição, temos ora valores como a expressão do «resultado

15. Oliveira (2013) referiu-se a esta preferência atual pelo *pretérito perfeito* nestes contextos.

16. <[https://www.linguateca.pt/Diana/download/portugisisk.html#Futuro\\_do\\_indicativo\\_e\\_futuro\\_perfeito](https://www.linguateca.pt/Diana/download/portugisisk.html#Futuro_do_indicativo_e_futuro_perfeito)> (consultado a 12/04/2023).

seguro de uma acção futura», ora valores modais de incerteza e dúvida, ambivalência que pode explicar alguns usos e valores atuais no discurso de imprensa: sugerir que algo aconteceu, é verdade, mas sem o garantir.

### 3. VALORES ATUAIS DO *FUTURO PERFEITO*: ENTRE GRAMÁTICA E DISCURSO

O emprego do *futuro perfeito* descrito pela tradição gramatical não coincide com o de usos mais recentes, em que o valor temporal perdeu espaço para outros, de tipo modal. Por um lado, um valor reportativo e, por outro, um valor pragmático conjetural: na base de evidência externa, o locutor tira conclusões sobre um dado estado de coisas. Decorre destes dois valores, a nosso ver, o contributo do tempo verbal para a desresponsabilização do locutor face à predicação presente no conteúdo proposicional do seu enunciado.

Há valores do *futuro perfeito* que são mais estabilizados, gramaticais e outros que decorrem de efeitos contextuais. A indicação de uma origem alheia para a informação reportada, de forma mais ou menos discreta, «[...] inscription textuelle discrète de discours rapporté» (Moirand 2007), parece-nos ser já gramatical, ou estar em vias de se gramaticalizar.<sup>17</sup> Entende-se gramaticalização no sentido de Silva (2012): «A gramaticalização consiste, [...], em fazer com que uma estratégia comunicativa operando a nível pragmático ou discursivo e associada a uma construção particular se converta numa construção gramatical convencionalizada» (Silva, 2012: 6).

O valor modal conjetural é também estável e é-o obviamente ainda o uso temporal do tempo verbal a que nos referimos em 2.2, embora, hoje, pouco frequente. O contributo para a validação do conteúdo proposicional dos enunciados que se relatam, de forma mais ou menos discreta, a vertente mais modal do *futuro perfeito*, parece ser sobretudo contextual, isto é, reforçada por outros elementos linguísticos e discursivos que com ele coocorrem, como veremos.

---

17. Veja-se o que diz Silva (2012: 4) a este respeito: «A perspectiva funcionalista entende que a gramaticalização responde a motivações pragmático-discursivas, sendo fundamentalmente o resultado da convencionalização de inferências induzidas pelo contexto».

## 3.1 FUTURO PERFEITO E PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

O pretérito perfeito usa-se, hoje, em registos coloquiais, em vez do *futuro perfeito* com valor temporal. Mas a relação entre estes dois tempos do indicativo merece outro comentário, porquanto o pretérito perfeito surge, com frequência, em ocorrências já estudadas dos *media*, nos arredores cotextuais do *futuro perfeito*, contribuindo para o reforço do valor perfeitivo deste tempo verbal. Como testemunhámos (Duarte 2008, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b, 2012, 2015, 2017, 2019, 2020), se o *futuro perfeito*, a nosso ver, pode carrear valores epistémicos de validação fraca ou atenuada do conteúdo proposicional do enunciado reportado, opinião que não é partilhada por todos os investigadores (Oliveira 2015; Silva 2022), aponta também, pelo aspeto perfeitivo, para uma ação terminada, o que equivale a sugerir que ela aconteceu. Frequentemente, *futuro perfeito* e pretérito perfeito alternam no relato do mesmo evento, como no exemplo (10). Ora se o efeito do *futuro perfeito* pode ser de mitigar a força ilocutória da asserção do locutor, porque é uma informação mediatizada, de que o locutor não é a fonte, e porque nem sempre é fácil destrinçar entre valor reportativo e valor conjetural ou probabilístico, já o pretérito perfeito, pelo contrário, sugere a efetividade dos factos referidos, anulando, pelo menos em parte, esse valor atenuador do *futuro perfeito* que com ele coocorre nos textos.

- (10) De acordo com a acusação do Ministério Público (MP), a arguida **terá dito** na altura aos vizinhos que o terreno lhe pertencia em exclusivo e não permitiria que ali fosse plantado nada, chegando a empunhar uma enxada na direção dos mesmos. O MP diz ainda que a mulher, trabalhadora agrícola reformada, **ameaçou** o casal de vizinhos com uma pistola de alarme, pronta a disparar. A arguida **terá voltado** a repetir as ameaças de morte, acompanhadas de injúrias, em setembro do mesmo ano. (DN, 08/03/2019)<sup>18</sup>

Com efeito, o uso dos dois tempos no mesmo enunciado,<sup>19</sup> bem como o emprego quer do presente do indicativo quer de frases nominais nos arredores cotextuais do *futuro perfeito* constituem contributos contextuais para esse valor discursivo de confirmação de um facto que se reporta, por meio de um tempo verbal que carrega um valor claro de probabilidade em várias línguas românicas, incluindo o português.

18.<<https://www.dn.pt/lusa/pena-suspensa-para-idosa-por-ameacar-vizinhos-com-pistola-em-oliveira-do-bairro-10659750.html>> (acedido a 10/04/2023).

19. Por exemplo, em títulos de notícias, no título usa-se o *futuro perfeito* e no subtítulo o pretérito perfeito ou ao contrário.

A tensão entre o efeito de confirmação do conteúdo proposicional do enunciado que o inclui, advindo do aspeto perfeitivo, e o efeito de distanciação, advindo do carácter mediativo, permite que o *futuro perfeito* seja adequado para informar sobre factos acerca de cuja verdade o locutor não tem a certeza e pela qual nem se quer nem se pode responsabilizar, daí decorrendo o uso em discursos jornalísticos às vezes manipuladores.

### 3.2 FUTURO PERFEITO: VALOR MODAL E EVIDENCIAL

A questão central do estudo do chamado futuro reportativo, tal como acontece com o condicional dito jornalístico, consiste em poder ser considerado tanto um marcador evidencial, isto é, de mediação, quanto um marcador de modalidade, de compromisso fraco com a verdade de *p*. Silva (2022) revisita este problema incontornável, numa proposta que referiremos abaixo.

Falar do *futuro perfeito* implica convocar a noção de evidencialidade, categoria gramatical que dá conta da existência de uma fonte para uma dada informação, e específica de que tipo de fonte se trata: «[...] los sistemas evidenciales codifican gramaticalmente información sobre la fuente de la que se ha obtenido el contenido proposicional comunicado» (Escandell Vidal 2010: 19). O conceito de evidencialidade estendeu-se a línguas que não contam com morfemas especializados na expressão dessa categoria, como as românicas, devido a uma mudança de interpretação e perspectiva, como Haßler (2010) afirma: de categoria tipológica, a evidencialidade passou a ser encarada como uma categoria semântico-pragmática.

Segundo Escandell Vidal, cada locutor tem apenas acesso à sua própria experiência e aos eventos que testemunhou. O seu acesso a todos os outros acontecimentos é indireto: relato de outros, inferências a partir de dados observáveis, ou seja, a chamada evidencialidade indireta. Ora para ela, o valor base, central, do futuro espanhol, não é uma instrução para localizar um evento num tempo posterior ao da enunciação, nem indicar a pertença do evento à área modal da possibilidade; é o valor evidencial: «[...] la semántica básica del futuro en algunas lenguas es de tipo evidencial» (2010: 29).<sup>20</sup> Poderíamos dizer o mesmo para o português.

20. No caso espanhol, a fonte do evento seria, para a autora, um processo interno ao falante. Todos os outros valores decorreriam da interação entre este significado de base «[...] y factores contextuales muy específicos» (2010: 31).

Usa-se hoje mais o termo evidencial do que mediativo, porque a designação vinda do inglês ganhou espaço em relação ao termo usado na linguística de língua francesa. Tem razão Guentchéva quando considera infeliz a tradução do termo inglês para francês, por, nas línguas românicas, o significado do lexema francês «évident» ou português «evidente», por exemplo, ser diferente do do seu cognato inglês. Embora haja diferenças entre os dois conceitos, que não se sobrepõem totalmente, eles apontam, basicamente, para a indicação da fonte de informação.

O valor reportativo do *futuro perfeito* é equacionado com base em trabalhos sobre evidencialidade: Lazard (2001), Dendale & Tasmowski (2001), Squartini (2001, 2004a e b, 2005), Aikhenvald (2004), Cornillie (2009), Haßler (2010), Escandell Vidal (2010), Martines (2015), entre outros.

Segundo Squartini (2005), que estudou o futuro e o condicional como tempos indissociáveis dentro de um sistema organizado, o futuro tem valor evidencial. Comparando estes dois tempos com o presuntivo romeno, modo explicitamente evidencial, o autor inclui na categoria evidencialidade quer a função reportativa (que reclamamos para o futuro português e Squartini considera uma marca distintiva do português em relação às restantes línguas românicas) quer a função inferencial-conjetural, típica de ambos os tempos verbais.

Rui Marques (2020) defende também o valor evidencial como o mais forte do futuro dito epistémico, que confronta com o valor do verbo epistémico *dever*. Mas apesar de sublinhar o valor evidencial do futuro epistémico, escreve: «Of course, there is a straight connection between degree of belief and evidence on which such belief is sustained» (2020: 19). Como o autor afirma, «[...] the evidential and the epistemic dimensions are related». É essa, também, a nossa convicção, pese embora a necessidade de distinguir teoricamente os dois conceitos.

Silva (2022) destrinça com clareza a evidencialidade/mediatividade da modalidade epistémica e considera o *futuro perfeito* um marcador evidencial gramaticalizado, relacionado com a indicação da fonte de informação e a respetiva fiabilidade. Mas afirma que a noção de fiabilidade não envolve, necessariamente, graus de comprometimento epistémico do locutor ou graus de incerteza. Distingue, a este nível, o *futuro perfeito* reportativo, em relação ao qual considera haver independência da evidencialidade em relação à modalidade epistémica e o *futuro perfeito* evidencial inferencial, no qual haveria uma relação próxima e até sobreposição parcial entre evidencialidade e modalidade epistémica (Silva 2022: 288-289). O autor assevera, no entanto, que quer o *futuro perfeito* reportativo quer o inferencial contribuem para o controlo epistémico do locutor no discurso e para o alinhamento intersubjetivo de locutor e alocutário. Ora são justamente esse controlo e esse alinhamento intersubjetivo que permitem

que este tempo verbal possa ser usado em jogos de manipulação discursiva, tornando mais ou menos convincente, consoante os objetivos discursivos do locutor, o que é asserido através do *futuro perfeito*.

Na verdade, apesar de estas duas categorias gramaticais<sup>21</sup> (evidencialidade e modalidade epistémica) serem diferentes e não se poderem confundir (Cornillie 2009), talvez haja, em muitos casos, a coincidência dos dois valores num mesmo marcador, como sugere Kronning (2002, 2018, entre outros), para o condicional epistémico. Reconhecendo embora que «[...] c'est la médiation épistémique qui distingue le plus nettement cet emploi du COND [jornalístico] des autres emplois de cette forme verbale» (Kronning 2002: 563), o autor insiste na ideia de que o condicional jornalístico é um marcador gramatical misto, mediativo e modal. Kronning destaca o seu valor de mediação epistémica, ora o futuro reportativo tem idêntico funcionamento, em PE, àquele tempo do francês e de outras línguas românicas. O condicional epistémico de atribuição (designação do próprio para o condicional reportativo) é muito menos usado em PE do que o *futuro perfeito*. Atesta-se esta diferença através de uma pesquisa rápida no CETEMPúblico: há 187 ocorrências de «teria dito» (condicional) enquanto que há 659 de «terá dito» (futuro).

Kronning distingue-se de quem defende que o condicional epistémico é exclusivamente um marcador evidencial (Dendale 1993), mas também dos linguistas que asseveram que é, sobretudo, uma marca de «non-prise en charge», de «éffacement énonciatif» (Abouda 2001). Oliveira (2015: 119) considera que «[...] reportative uses are merely evidential, in that they don't relate directly to any such attitude [the speaker's attitude] towards the propositional content of the utterance». A relação entre usos reportativos e atitude do locutor em relação ao conteúdo proposicional do enunciado não é direta, mas, como a autora refere, comparando exemplos de frases com valores mediativos do *futuro perfeito* e não mediativos de pretérito perfeito (2015: 112),<sup>22</sup> ao perderem o valor mediativo, no pretérito perfeito, os exemplos perdem também «[...] the distancing of the speaker, regarding the content of the information conveyed». Quer então dizer que a distância entre o locutor e o que reporta existe com o *futuro perfeito*.

A ideia de que, mais do que ser um operador temporal, o futuro seria um operador epistémico que assinala incerteza, probabilidade, relaciona-se facilmente com os efeitos de modalização zero referidos por Kronning em diversos textos, apesar de este autor não concordar com o valor dubitativo do condicional reportativo. Para

21. Silva (2022) discute o estatuto da evidencialidade enquanto categoria gramatical. Poderemos dizer, pelo menos, que é uma categoria semântico-pragmática.

22. Como Oliveira (2015: 109) mostra, o pretérito perfeito corresponde, do lado dos tempos sem valor mediativo, ao *futuro perfeito*, do grupo dos que têm valor mediativo.

Marques, exemplos de asserções com o futuro (simples e composto), contrapostos aos mesmos exemplos com presente do indicativo ou pretérito perfeito, respetivamente, permitem concluir que a asserção «[...] with the Future, expresses a lower degree of certainty on the truth of propositions» (Marques 2020: 1). A expressão da diminuição de certeza relaciona-se com a diminuição de comprometimento do locutor em relação à verdade da proposição carreada pelo seu enunciado.

Assumindo o que Kronning várias vezes refere para o condicional reportativo do francês, do italiano e do espanhol, diremos que o *futuro perfeito* do PE é também «[...] un marcador gramatical mixto, que expresa a un tiempo la *modalización cero* —que indica la negativa del hablante a hacerse cargo del contenido cognitivo de su enunciado— y un tipo particular de *mediación epistémica* (o *evidencialidad*), a saber la atribución de dicho contenido a una fuente externa» (Kronning 2015: 507).

No conjunto do sistema Futuro/Condicional das quatro línguas românicas estudadas por Squartini (francês, espanhol, italiano e português), «[...] l'impiego riportativo del Futuro Portoghese non rappresent[ia] un'anomalia, inserendosi invece in modo coerente nel sistema romanzo» (Squartini 2004a: 83). Com efeito, o futuro tem o mesmo valor reportativo que o condicional apresenta nas outras três línguas românicas referidas, e esse valor «[...] è ormai una funzione strettamente connessa con il Futuro portoghese, saldamente affermata nel sistema verbale, che non necessita di elementi cotestuali espliciti per essere disambiguata» (Squartini 2004a: 84). O futuro com valor reportativo estará, portanto, gramaticalizado.

Não cabe aqui entrar nos pormenores do debate, interessantíssimo, sobre as relações entre a modalidade epistémica e a evidencialidade. Kronning (2012) escreve, acerca dos «marcadores epistémicos» como o verbo modal *dever*, o advérbio «apparemment» e o condicional «jornalístico», que eles «[...] ont pour fonction principale de **régler la responsabilité** épistémico-énonciative **du locuteur** pour permettre à celui-ci de se conformer à la norme sociale qui veut que l'on soit véridique dans son discours [...]» (Kronning 2012: 83). O locutor deve respeitar a verdade, mas quer dar informação pela qual não se pode responsabilizar. E o *futuro perfeito* parece o mecanismo ideal para resolver esta tensão aparentemente insolúvel.

### 3.2.1 *Futuro perfeito* na imprensa e desresponsabilização do locutor

Os exemplos de *futuro perfeito* recentes que motivaram a crónica de Ricardo Araújo Pereira referida<sup>23</sup> pertencem ao discurso de imprensa. É no discurso jornalístico,

23. Esta não é a única crónica sobre o assunto. Também Manuel António Pina tinha já criticado o abuso de fórmulas de desresponsabilização, nomeadamente do *futuro perfeito*, a propósito das notícias sobre o

concretamente no género notícia, que o *futuro perfeito* com valor citativo e um conjunto de outros valores pragmáticos agregados se evidencia. Retomemos o eloquente gráfico 1, apresentado em Duarte (2008). Estamos de acordo com Oliveira (2015), quando propõe que a frequência do *futuro perfeito* é sensível ao género discursivo, sendo o seu valor reportativo muito mais abundante no género notícia e quase inexistente no texto de opinião, por exemplo.

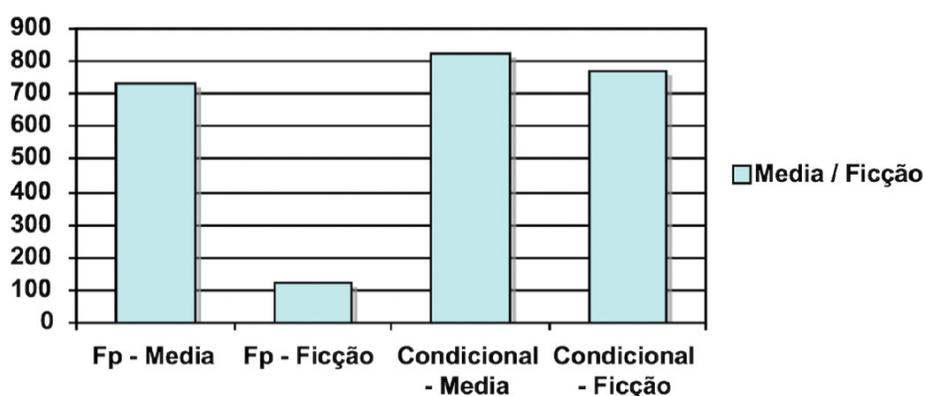


Gráfico 1: *Futuro perfeito* (e condicional) no discurso jornalístico e na ficção, Portugal + Brasil (total); Fonte: corpusdoportugues (subcorpus: género/diacronia)

A noção de desresponsabilização enunciativa (Vion 2001; Rabatel 2004; Rabatel & Chauvin-Vileno 2006) relaciona-se com os efeitos pragmáticos dos usos de *futuro perfeito* estudados. Enquadrado pelo exposto em Kronning (2018), pode dizer-se que a abundância do *futuro perfeito*, na imprensa, decorre de o locutor não se querer ou não se poder responsabilizar pela validação do conteúdo proposicional dos enunciados que reporta, a tal modalidade zero (Kronning 2015: 50). Este comportamento linguístico pode justificar-se por o locutor não ter dados que lhe permitam validar o conteúdo proposicional do enunciado (cf. Duarte (2019), análise de notícias sobre atentados das Ramblas, Barcelona). Por vezes, a pressão para que a informação seja rapidamente disponibilizada leva a que o seja antes de poder ter sido confirmada. Ricardo Araújo Pereira refere, exatamente, a pressão da realidade: «o jornalista está pressionado pela

desaparecimento de Maddie McCann (cf. «Maddie McCann», *JN*, 05/11/2007). Em 02/03/2021, «Maddie terá» gerou, no Google, 864 000 resultados (0,35 segundos). A mera existência destas reflexões metalinguísticas sobre o uso exagerado de *futuro perfeito* testemunha a sua presença excessiva na imprensa portuguesa atual.

realidade, que também inebria e confunde». Não há dados fiáveis para partilhar, mas a pressão para que se produza informação conduz o locutor a reportar factos pelos quais não se responsabiliza

Uma última situação será a do locutor que reporta, através do *futuro perfeito*, factos com pouca ou nenhuma fiabilidade, que relata com intuítos manipulativos. Como esse locutor não pretende ser alvo de um processo judicial por parte de quem possa sentir-se lesado com as informação relatadas, reporta, sem se responsabilizar, tendo sempre uma possibilidade de se defender, afirmando que apenas relata asserções alheias. Volta a ser certo Ricardo Araújo Pereira, quando escreve «O terá garante, até judicialmente, que a frase anterior ainda não é uma afirmação, mas também deixa claro que já não é uma pergunta».

O efeito de desresponsabilização decorre de o uso do *futuro perfeito* desencadear implicaturas conversacionais<sup>24</sup> (Grice 1975). Este tempo implícita, conversacionalmente, que o locutor não pode garantir a informação, porque não é a fonte de informação do relato.

- (II) A primeira-dama Melania Trump está entre um coro crescente de pessoas no círculo íntimo de Donald Trump que **terão aconselhado** o presidente incumbente a abdicar do cargo, noticia este domingo a CNN.

De acordo com o canal noticioso, que cita uma fonte próxima da família Trump, Melania **terá pressionado** Donald Trump a aceitar a perda para o democrata Joe Biden.<sup>25</sup> (TVI24, 08/11/2020)

No primeiro enunciado de (II), cuja origem é a CNN que, por sua vez, cita uma fonte anónima, afirma-se que Melania está entre um grupo de pessoas «[...] que **terão aconselhado** o presidente a abdicar do cargo». O locutor não se responsabiliza pela validação da asserção segundo a qual «um grupo de pessoas aconselhou o presidente a abdicar». O *futuro perfeito* configura um marcador de desresponsabilização do locutor.

Se considerarmos o *futuro perfeito* um atenuador epistémico, expressão de Gianakidou e Mari (2017), a sua relação com a reduzida confiança do locutor relativamente à informação que partilha explica que não possa responsabilizar-se inteiramente por ela. Esse efeito de atenuação existe, mesmo se decorre da falta de evidências para o locutor validar o enunciado no contexto de enunciação (Marques 2020: 19). Enquanto

24. Agradeço os comentários de Augusto Soares da Silva (2020), bem como o privilégio que foi poder tê-lo como arguente da minha lição de Agregação.

25. <<https://tvi24.iol.pt/internacional/melania-trump/eleicoes-eua-melania-ja-tera-dito-a-trump-para-abdicar-da-presidencia>> (acesso 16/01/2021).

alguns autores (Oliveira 2015; Silva 2022) consideram o *futuro perfeito* neutro quanto ao grau de certeza comunicado, não estamos inteiramente convencida dessa neutralidade. Os valores epistémicos, de mediativo, de desresponsabilização do locutor concorrem antes, a nosso ver, para a possibilidade de manipulação no discurso de imprensa. A possibilidade de o futuro reportativo agregar uma componente modal epistémica de incerteza parece existir em muitas ocorrências, como (I2):

- (I2) Sudão. Avanço das forças de segurança sobre local de protesto **terá feito** cinco mortos. Operação está em curso. (*Expresso* 3/06/2019)

Além do valor reportativo, o *futuro perfeito* sugere dificuldade de o locutor validar a informação que relata, por isso o tempo verbal se utiliza para informar sem responsabilizar o locutor pela verdade dos factos sobre que informa.

### 3.2.2 *Futuro perfeito* conjetural

O *futuro perfeito* tem, além do valor canónico temporal e do uso reportativo, um valor pragmático evidencial conjetural, inferencial, assinalado para outras línguas por Ciszewska (2005), Celle & Lansari (2009), Rosique (2013), Azzopardi (2018). São disso exemplo ocorrências como (I3) e (I4), onde indica probabilidade, suposição, conjetura, incerteza, dúvida quanto a acontecimentos passados. Um exemplo é do séc. XVII e o outro do séc. XVIII. Estes exemplos parecem indicar uma origem epistémica para os usos reportativos. Não se encontrou nenhum exemplo reportativo antes do séc. XX.

Aikhenvald (2004) refere a relação diacrónica entre modalidade epistémica e evidencialidade indireta de informação relatada. A mesma ideia defende Giomi (2017: 299): «[...] l'usage de l'information rapportée dérive diachroniquement de l'épistémique».

Nas ocorrências seguintes, o *futuro perfeito* exprime conjetura, na base de uma inferência:<sup>26</sup>

- (I3) Da capacidade do Sr. D. Francisco, e das feitiçarias do Sr. D. Simão, tinha muito que contar a V. Ex.<sup>a</sup>, mas havia de ser em presença; a Sr.<sup>a</sup> Condessa o **terá feito** nas cartas que remeti, que sempre há matéria nova. (Cartas, Pe António Vieira, séc. XVII)

26. Como Marques (2020: 7) assinala, seria possível replicar a estes enunciados «Why do you think so?», o que provaria que exprimem inferência.

- (14) Ao virtuoso da rebecca que Vossa Mercê me recomendou, não pude mais que dar-lhe a conhecer a minha vontade, não se achando as cousas nesta Corte em termos de alcançar-lhe o cómodo que desejava; pelo que tomou a resolução de tornar para Madrid, onde **terá dito** a Vossa Mercê o desejo que tive de que lhe resultasse algum fruto da sua recomendação. (Cartas, Alexandre de Gusmão, séc. XVIII, 1735)

Dado o estatuto social elevado dos interlocutores, é também possível o *futuro perfeito* em (13) e (14) agregar um valor de cortesia.

Sobre o futuro epistémico (quer na forma simples quer composta) que Marques (2020) compara com verbos modais, nomeadamente «dever», em português, o autor assinala o seu valor de incerteza, e comparando os mesmos enunciados com futuro e com presente do indicativo, sublinha, como temos vindo a dizer, que o futuro «[...] expresses a lower degree of certainty on the truth of propositions» (Marques, 2020: 1). Mais do que exprimir um determinado grau de crença, o futuro português seria, para Marques, «[...] a mark to signal that the speaker is not basing his assertion on evidence available at the context of utterance» (2020: 15) e, nesse sentido, seria um evidencial. Mas decorre de não haver evidências no contexto de que *p* é verdadeiro que o futuro seja um atenuador epistémico. O facto de o locutor não ter evidências, no contexto de enunciação, para confirmar a verdade aquilo que assere, de a informação vir de outro locutor, portanto, de o futuro ser um evidencial, acarreta consigo, em nossa opinião, um valor de atenuação epistémica, um grau tendencialmente menor de crença na informação reportada.

### 3.2.3 Literatura e valores do *futuro perfeito*

Os exemplos atuais de *futuro perfeito* até agora estudados são sobretudo da imprensa, especificamente do género notícia. Veremos, ainda, o(s) valor(es) em alguns excertos de narrativas literárias onde o tempo verbal está presente, embora em muito menor quantidade (cf. gráfico 1). A partir da consulta do corpusdoportugues, subcorpus género/diacronia, constatámos que apenas no séc. XIX a forma verbal aparece na literatura, uma vez que os poucos exemplos anteriores são todos de cartas.

Na literatura dos séc. XIX e XX, tendo em conta o mesmo *corpus*, não encontramos casos de futuro citacional. Há exemplos esporádicos de valor meramente temporal. Pelo contrário, a maior parte das ocorrências são de futuro conjectural, um operador epistémico de dúvida, incerteza ou conjectura, muito frequente em frases de tipo interrogativo, como em (15) e (16). Neste tipo de frases, quase nunca a função «[...] est de demander à l'interlocuteur une évaluation subjective de la probabilité de

la proposition», como diz Giomi (2017: 288). Os exemplos configuram dúvidas que o locutor manifesta para si próprio.

- (15) Não sei o que ele traz na cabeça, mas boa coisa não é. Já não folga nem brinca tanto, nem quer ir ao monte, nem me estafa quantos cavalos tenho, como dantes fazia... Esta maldita bruxa de Gaia... se ela lhe **terá dito**? Mas é impossível. Bem mal fiz não a queimar numa boa fogueira... (*O arco de Sant' Anna*, Almeida Garrett, 1845-1850).
- (16) Aperto o botão, não ouço a campainha: **terá tocado**? Agora espero, agora amedronto-me, tenho quase pena de mim. (*Aparição*, Vergílio Ferreira, 1959).

O futuro sintético com valor histórico é estudado por Giomi (2010, 2017). Embora exista, com valor idêntico, noutros géneros romanescos, o *futuro perfeito* é abundantemente utilizado na ficção, sobretudo de carácter histórico e também parece derivar do valor epistémico:<sup>27</sup>

- (17) Nestas circunstâncias, Estêvão, muito provavelmente, **terá ingressado** na milícia antes desta data. (Luís Adão da Fonseca, *Vasco da Gama*, Expo98, p. 17)

Encontrámos muitas ocorrências de *futuro perfeito* em romances históricos quer de Isabel Barreno (por exemplo em *O senhor da Ilhas*, 1994), como os exemplos (18) e (19), quer de Mário Cláudio ou Saramago.

- (18) Grandes barcos, necessitando carvão, no belo porto de S. Vicente, imaginou. E **terá sido** então que começou em sondagens junto dos ingleses, para saber de seu interesse em colocarem um depósito de carvão na ilha.
- (19) Contou minha irmã Marta que pela primeira vez ouviu meus pais discutindo em alta voz, um ao outro se magoando com injustiça. Maria Josefa invocou sua convalescença precária, pronta à recaída, e ganhou. **Terá sido** mesmo a partir dessa discussão que ela determinou que todos os negros aprenderiam a ler e escrever, e não só aqueles mais intimamente ligados à casa, como até aí.

O valor do futuro histórico, assim chamado por estar presente no discurso historiográfico e no romance histórico, mereceria uma atenção que está fora do escopo deste texto. Veja-se, a título de exemplo, a abundância de ocorrências na biografia de *Vasco da Gama* de Adão da Fonseca (1997): 105 ocorrências de *futuro perfeito* em 362 páginas. Segundo Giomi (2017: 276), «[...] le futur historique a pour point d'ancrage un moment du passé fourni par le contexte, par rapport auquel l'événement décrit

27. Aliás, «muito provavelmente» vem reforçar o valor probabilístico do *futuro perfeito* no enunciado.

est conceptualisé comme futur». Não deixa, no entanto, em nossa opinião, de carrear também alguma sugestão de incerteza relativamente aos factos relatados, como em (20) e (21).

- (20) Não foi ali o encontro dos cruzados com o rei, **terá sido** lá em baixo, na outra margem do esteiro, mas o que Raimundo Silva procura, se a expressão tem sentido, é uma impressão de tangibilidade visual, algo que não saberia definir (Saramago, *História do Cerco de Lisboa*, 1989).

O carácter dubitativo do futuro conjetural parece existir também no futuro histórico, reforçado por marcadores epistémicos de dúvida presentes no seu cotexto, como em (21) «já não se recorda» e «certamente».

- (21) O revisor já não se recorda de como o soube, certamente o **terá lido** em livro digno de confiança, que o tempo não emendou, por isso pode insistir agora que os almuadens eram cegos, sim senhor (Saramago, *História do Cerco de Lisboa*, 1989).

Fica apenas, rapidamente apontada, a necessidade de estudar o uso do *futuro perfeito* em textos literários, sobretudo no romance histórico, questão à qual voltaremos. Estes apontamentos breves dão razão a Oliveira (2015), segundo a qual os valores de *futuro perfeito* são sensíveis ao género discursivo.

#### 4. ALTERAÇÃO DE VALOR

Resumindo o que se disse sobre a mudança semântica do *futuro perfeito* de um valor temporal de anterioridade no futuro, para valores de tipo epistémico e evidencial, e sobre os usos atuais deste tempo verbal na imprensa portuguesa, nomeadamente em textos do género notícia, sublinhe-se que só muito recentemente adquiriu os valores que hoje tem, não havendo, até ao século xx, qualquer ocorrência com valor reportativo no corpusdoportugues. Como vimos, em ocorrências anteriores ao séc. xx, ou tinha valor temporal de anterioridade no futuro ou valor conjetural, de incerteza. Acrescem valores de cortesia, sobretudo em cartas e o uso frequente na narração histórica, ficcional ou não.

Aikhenvald (2004) refere a relação diacrónica entre modalidade epistémica e evidencialidade indireta de informação relatada. Giomi (2017: 299) deriva o valor do futuro reportativo do valor epistémico e não do temporal, proposta que a observação dos dados do corpusdoportugues igualmente sugere. Para este autor, o processo de

gramaticalização do *futuro perfeito* com valor reportativo não estaria ainda completo, por serem necessários elementos contextuais que comprovem tal valor e por ser típico da notícia. Silva (2022: 282) considera, como Giomi (2017), «[...] plausível admitir que o significado reportativo do futuro perfeito (bem como do futuro sintético) se tenha desenvolvido a partir do seu significado epistémico».

Partindo da noção de subjetificação e intersubjetificação, Silva (2022) defende que o uso inferencial do *futuro perfeito* decorre de processos diacrónicos cognitivos e pragmático-discursivos de subjetificação, enquanto o uso reportativo decorreria de processos diacrónicos cognitivos e pragmático-discursivos de intersubjetificação. No primeiro valor, estaríamos perante subjetificação, pois o conceptualizador envolve-se na situação conceptualizada. No segundo caso, haveria «[...] coordenação cognitiva do locutor com o alocutário», isto é, intersubjetificação (Silva 2022: 283). Silva considera o uso evidencial reportativo do futuro perfeito do PE contemporâneo como mais um passo (2022: 284):

[...] no padrão evolutivo dos futuros gramaticais, tal como traçado por Bybee *et alii* (1994): Obrigação (ou predestinação)(< posse no futuro românico *habere* + INF) > intenção, futuro imediato > futuridade > usos epistémicos > usos evidenciais > uso evidencial reportativo (futuro perfeito do PE contemporâneo)».

No corpusdoportugues, as primeiras ocorrências de futuro simples, do séc. XIII, têm um valor preditivo de evento a acontecer no futuro, como em (22):

- (22) Grand' alegria vos **será**; ca o **veeredes** alá en Galilea, u está segund' vos el dit' avia.  
(Cantigas de Santa Maria)

Nos séc. XV e XVI, há várias ocorrências com valor modal de aproximativo, como em (23) e (24) respetivamente, em que a afirmação decorre de uma opinião subjetiva do locutor, de informação que recolheu algures, tendo, portanto, valor evidencial conjetural:

- (23) como quer que alguus escrevem que ell tragia em voontade de hir pousar ao moesteiro de Santos, que he arredado da cidade quanto **será** huu quarto de legoa (Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*)
- (24) [...] dividido em diversos logares por espaço de 4 ou sinco legoas, **terá** perto de 20 mil almas (Frois, *Historia do Japam* 3)

No século XVI, há ocorrências, em perguntas, com valor de dúvida, no exemplo (25), em contexto interacional:

- (25) Que autoridade te parece **terá** esta palavra Esgueva, que é o despácho de um príncipe dos nossos mandou poer em uma petição de um requerente que nam mereçia, por seu serviço, ô que pedia? (João de Barros, *Gramática da língua portuguesa*).

Quanto ao *futuro perfeito* com valor temporal já existe no séc. XVI, por exemplo em *Os Lusíadas*, com frequência, nas profecias, em que aponta para anterioridade no futuro, como na estância 53 do Canto X (26):

- (26) Virá depois Meneses, cujo ferro  
Mais na África, que cá, **terá provado**;

Ainda no séc. XVI e depois no séc. XVII, temos ocorrências com valor modal de incerteza como em (27):

- (27) Páí - Eu nam respondo ás tuas ligas ou línguas, porque outrem **terá cuidado** de ô fazer por mi. (João de Barros (1540) *Gramática da língua portuguesa*).

No séc. XVII, em cartas, além do valor dubitativo tem também valor de cortesia, abundantemente usado pelo Padre António Vieira, decorrente da situação enunciativa, isto é, da posição alta do interlocutor e do género discursivo.

No séc. XVIII, parece ser cada vez mais frequente enquanto futuro epistémico. A partir do séc. XIX, temos ocorrências na ficção, sobretudo com valores temporais e dubitativos, e, também de futuro histórico, em romances históricos ou biografias de heróis, como em (28), em que o valor dubitativo é reforçado por outros elementos discursivos do contexto («pensa-se que», «por volta»).

- (28) Pensa-se que Pêro Vaz de Caminha **terá morrido** na feitoria de Calecute, por volta de 1501. (corpusdoportugues, não identificado)

Só no séc. XX, na década de 90 e depois, temos abonações aos milhares de usos do *futuro perfeito* reportativo em notícias, em que o valor temporal de futuridade ou de anterioridade no futuro desapareceu.

Analisados os exemplos do corpusdoportugues anteriores ao uso do futuro reportativo, parece ser dos valores discursivos, e não do temporal, que os atuais valores evidenciais (quer reportativo quer conjetural) derivam.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurámos estudar o *futuro perfeito* dando conta de algumas questões teóricas que levanta, sendo a distinção entre modalidade epistémica e evidencialidade a mais importante. Salientámos o seu uso reportativo e destacámos os efeitos discursivos de desresponsabilização do locutor em relação ao conteúdo proposicional do enunciado que relata, cuja fonte de informação é alheia. Vimos, ainda, outros valores do *futuro perfeito*, desde o temporal, cada vez menos empregue, ao conjectural. Fica também referida a presença do futuro composto na literatura, sobretudo no romance histórico, tópico a que voltaremos. Na continuação deste trabalho, e porque a «[...] recente invenção jornalística do terá», de que fala Ricardo Araújo Pereira, é recente, mas não é uma invenção, antes o resultado lento da mudança linguística, merecem, a nosso ver, mais atenção «[...] i processi diacronici di grammaticalizzazione delle marche evidenziali» que, como Aikhenvald/Dixon (2003, apud Squartini 2005: 264) afirmam, são um caminho interessante e ainda pouco explorado da investigação nesta área. Sobretudo para o português.

ISABEL MARGARIDA DUARTE  
*Universidade do Porto*  
iduarte@letras.up.pt  
ORCID 0000-0001-7908-5649

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABOUDA L. (2001) «Les emplois journalistique, polemique et atténuatif du conditionnel. Un traitement unitaire», *Recherches Linguistiques*, 25, p. 277-294.
- AIKHENVALD, A. Y. (2004) *Evidentiality*, Oxford, Oxford University Press.
- AZEREDO, J. C. (2008) *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, São Paulo, Publifolha.
- AZZOPARDI, S. (2018) «Regards philosophiques et linguistiques sur le signifié de langue du futur de l'indicatif dans les langues romanes», *Linx*, 77, p. 17-40.
- BARANZINI, L., ed. (2017) *Le futur dans les langues romanes*, Berna, Peter Lang.
- BECHARA, E. (2015) *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira / Lucerna. [1961, 1.ª ed.]
- CELLE, A. & L. LANSARI (2009) «La référence à l'avenir en anglais contemporain: vers une énonciation médiatisée», *Faits de Langue*, 33, p. 103-109.

- CISZEWSKA, E. (2005) «Futur antérieur de probabilité — essai d’exploration contextuelle», in A. Dutka-Mankowska & K. Bogacki (ed.), *Les relations sémantiques dans le lexique et dans le discours*, Warszawa, Uniwersytet Warszawski, p. 75-83.
- CORNILLIE, B. (2009) «Evidentiality and epistemic modality On the close relationship between two different categories», *Functions of Language*, 16/1, p. 44-62.
- CUNHA, C. & L. F. CINTRA (2000) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa. [1984, 1.<sup>a</sup> ed.]
- CUNHA, L. F. (2015a) «Some Remarks on the Semantics of Ir (‘Go’) + Infinitive in European Portuguese», *Journal of Advances in Linguistics*, 5 (3), p. 787-804. [<https://rajpub.com/index.php/jal/article/view/2866>]
- CUNHA, L. F. (2015b) «Algumas Considerações em torno das Interpretações da Construção ir + Infinitivo com Imperfeito», *Diacrítica*, 29 (1), p. 147-170.
- CUNHA, L. F. (2016) «Algumas Peculiaridades da Construção Ir + Infinitivo em Português Europeu», *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 1, p. 233-258.
- CUNHA, L. F. (2019) «O Futuro Simples em Português Europeu: entre a Temporalidade e a Modalidade», *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 14 (1), p. 35-68. [<http://ojs.letras.up.pt/index.php/EL/article/view/6652/6189>]
- DENDALE, P. (1993) «Le conditionnel de l’information incertaine: marqueur modal ou marqueur évidentiel?», en G. Hilty (ed.), *Actes du xxe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, tome I, Tübingen, Francke Verlag, p. 165-176.
- DENDALE, P. (2001) «Les problèmes linguistiques du conditionnel français», in P. Dendale & L. Tasmowski (ed.), *Le conditionnel en français*, Metz, Université de Metz, p. 7-18.
- DENDALE, P. & L. TASMOWSKI (2001) «Introduction: Evidentiality and related notions», *Journal of Pragmatics*, 33, p. 339-348.
- DIAS, E. da S. (1933) *Syntaxe historique portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica. [1918, 1.<sup>a</sup> ed.]
- DUARTE, I. M. (1999) *O relato de discurso na ficção narrativa, Contributos para a análise da construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*, tese de doutoramento apresentada à Universidade do Porto (<<https://hdl.handle.net/10216/13686>>); publicado (2003) Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- DUARTE, I. M. (2008) «Emoção e argumentação: futuro perfeito nos títulos de notícias», in W. Emediato, I. L. Machado & R. Mello, R. (ed.), *Anais do III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso - Emoções, ethos e argumentação*, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais. [<http://hdl.handle.net/10216/23495>]

- DUARTE, I. M. (2009a) «Le futuro perfeito português: un marqueur de médiatif», *Faits de Langue*, 33, p. 111-117.
- DUARTE, I. M. (2009b) «*Futuro perfeito e condicional composto*: mediativo no discurso jornalístico em Português Europeu e em Português Brasileiro», in Dermeval da Hora (ed.), *Anais do VI Congresso Internacional da Abralin*, João Pessoa. [<http://hdl.handle.net/10216/13504>]
- DUARTE, I. M. (2010a) «Le discours rapporté dans la presse portugaise, le futuro perfeito et l'effacement énonciatif», in V. Hrsg., M. Iliescu, H. M. Siller-Runggaldier & P. Danler (ed.), *Actes du XXVe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, tomo v, Berlim, De Gruyter, p. 397-406.
- DUARTE, I. M. (2010b) «Le futuro perfeito português: inscription textuelle discrète de discours rapporté», in L.-S. Florea, C. Papahagi, L. Pop, L. & A. Curea (ed.), *Directions Actuelles en Linguistique du Texte, Actes du colloque international «Le texte: modèles, méthodes, perspectives»*, Cluj-Napoca, Casa Cartii de Stiinta, p. 75-84.
- DUARTE, I. M. (2012) «Le futuro perfeito, marqueur de dialogisme. Dialogisme et discours journalistique: la “ une ” du quotidien *Público*», in J. Bres, A. Nowakowska, J.-M. Sarale & S. Sarrazin (ed.), *Dialogisme: langue, discours*, Bruxelles / Bern / Berlin / Frankfurt am Main / New York / Oxford / Wien, Peter Lang, p. 107-119.
- DUARTE, I. M. (2015) «Modalisation, voix, discours rapporté: le *futuro perfeito* dans la presse portugaise sur Internet», in M. H. Carreira (ed.), *Faits de langue et de discours pour l'expression des modalités dans les langues romanes*, Paris, Université Paris 8 Vincennes-Saint Denis, p. 217-232.
- DUARTE, I. M. (2018) «Vantagens de uma gramática de usos para o Português Europeu: alguns exemplos de análise de expressões extraídas de usos orais informais», *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 4.
- DUARTE, I. M. (2019) «Gramática, Pragmática e Competência de leitura: valores do futuro perfeito na Internet», in A. Leal *et alii* (ed.), *A Linguística na Formação do Professor: das teorias às práticas*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Centro de Linguística da Universidade do Porto, p. 81-95.
- DUARTE, I. M. (2020) «Discurso relatado», in E. Busaglo *et alii* (ed.), *Gramática do Português - volume III*, cap. 49, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 2589-2613.
- DUARTE, I. M. (2022) «(Encore) le *futuro perfeito* en portugais européen sur Internet: modalité, évidentialité, temporalité, aspectualité», in A-M. Velicu & E. Moline (ed.), *mETA: modality, evidentiality, temporality, aspectuality and other linguistic delicacies Tributes to Eta Hrubaru*, Bucuresti, Pro Universitaria, p. 133-148.

- ESCANDELL-VIDAL, V. (2010) «Futuro y evidencialidad», *Anuario de Lingüística Hispánica*, xxvi, p. 9-34.
- FIDALGO ENRÍQUEZ, F. (2020) «La eclosión de irei+infinitivo como expresión de la futuridad en portugués», *Quaderns de Filologia: Estudis Lingüístics*, xxv, p. 57-73.
- GIANNAKIDOU, A. & A. MARI (2017) «Epistemic future and epistemic MUST: non-veridicality, evidence and partial knowledge», in J. Blaszack *et alii* (ed.), *Tense, Mood, and Modality: New Perspectives on Old Questions*, University of Chicago Press, p. 75-118.
- GIOMI, R. (2010) «Para uma caracterização semântica do futuro sintético românico. Descrição e análise dos valores do futuro do indicativo em Português e em Italiano», tese de Mestrado não publicada, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- GIOMI, R. (2017) «Sémantique et pragmatique du ‘futur simple’ en portugais et en italien», in L. Baranzini (ed.), *Le futur dans les langues romanes*, Berna, Peter Lang, p. 263-304.
- GUENTCHÉVA, Z. (1994) «Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps du français», *Langue Française*, 102, p. 8-23.
- GUENTCHÉVA, Z., ed. (1996) «Introduction», in *L'énonciation médiatisée*, Louvain/Paris, Peeters.
- GRICE, H. P. (1975) «Logic and Conversation», *Syntax and Semantics*, 3, p. 41-58.
- HAILLET, P. P. (1998) «Le conditionnel d'altérité énonciative et les formes du discours rapporté dans la presse écrite», *Pratiques*, 100, p. 63-79.
- HAILLET, P. P. (2003) «Représentations discursives, point(s) de vue et signifié unique du conditionnel», *Langue Française*, 138, p. 35-47.
- HASSLER, G. (2010) «Epistemic modality and evidentiality and their determination on a deictic basis», in G. Diewald & E. Smirnova (ed.), *The case of romance languages. Linguistic realization of evidentiality in european languages*, Berlin / New York, De Gruyter Mouton, p. 223-248.
- KRONNING, H. (2002) «Le conditionnel “journalistique”: médiation et modalisation épistémiques», *Romansk Forum*, 16, p. 561-575.
- KRONNING, H. (2005) «Polyphonie, médiation et modalisation: le cas du conditionnel épistémique», in J. Bres *et alii* (ed.), *Dialogisme et polyphonie. Approches linguistiques*, Bruxelles, De Boeck Université, p. 297-312.
- KRONNING, H. (2012) «Le conditionnel épistémique: propriétés et fonctions discursives», *Langue Française*, 173, p. 83-97.
- KRONNING, H. (2015) «El condicional epistémico “de atribución” en francés, italiano y español: aspectos diafásicos, diatópicos y diacrónicos», in K. Jeppesen &

- J. Lindschouw (ed.), *Les variations diasystématiques et leurs interdépendances dans les langues romanes*, Strasbourg, Éditions de linguistique et de philologie, p. 507-518.
- KRONNING, H. (2018) «Epistemic modality and evidentiality in Romance: the Reportive Conditional», in Z. Guentchéva (ed.), *Epistemic Modalities and Evidentiality in Cross-Linguistic Perspective*, Berlin, Boston, De Gruyter Mouton.
- LAZARAD, G. (2001) «On the grammaticalization of evidentiality», *Journal of Pragmatics*, 33, issue 3, p. 359-367.
- MARQUES, R. (2020) «Epistemic Future and epistemic modal verbs in Portuguese», *Journal of Portuguese Linguistics*, 19 (7), p. 1-30.
- MATEUS, M. H. et alii (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 5.<sup>a</sup> ed.
- MARTINES, J. (2015) «Semantic change and intersubjectification: The origin of reprise evidential conditional in Old Catalan», *Catalan Journal of Linguistics*, 14, p. 79-111.
- MÓIA, T. (2017) «Aspetos da gramaticalização de ir como verbo auxiliar temporal», *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 3, p. 213-239. [<https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln3ano2017a13>]
- MOIRAND, S. (2007) *Les Discours de la presse quotidienne. Observer, analyser, comprendre*, Paris, Presses Universitaires de France.
- NEVES, J. B. (2003) «Mediativo e jornalismo», in *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, p. 615-622.
- OLIVEIRA, F. (1985) «O Futuro em português: alguns aspectos temporais e/ou modais», in *Actas do 1.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, p. 353-373.
- OLIVEIRA, F. (2003) «Modalidade e modo», in M. Mateus et alii (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- OLIVEIRA, T. (2014), «Valores de (inter)subjetividade na análise semântica», tese de doutoramento não publicada, Lisboa, Universidade Nova.
- OLIVEIRA, T. (2015) «Between evidentiality and epistemic modality. The case of the future and the conditional in European Portuguese», *Belgian Journal of Linguistics*, 29, p. 101-122.
- RABATEL, A., ed. (2004) «Effacement énonciatif et discours rapportés», *Langages*, 156, p. 3-17.
- RABATEL, A. & A. CHAUVIN-VILENO (2006) «La question de la responsabilité dans l'écriture de presse», *Semen*, 22, p. 5-22.
- RAPOSO, E. P. et alii (2013) *Gramática do Português*, vol. I e II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- RAPOSO, E. P. *et alii* (2020) *Gramática do Português*, vol. III, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- ROSIQUE, S. (2013) «Las ventanas de la gramática: discurso y futuro distanciador», *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación*, 55, p. 111-132. [<http://www.ucm.es/info/circulo/no55/rosique.pdf>]
- SILVA, A. S. (2022) «Evidencialidade/mediatividade, modalidade epistémica», *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, nº especial, 1, p. 263-294.
- SILVA, A. S. (2012) «Gramaticalização, reanálise e subectificação. Para uma revisão do conceito de gramaticalização», in M. M. Santiago-Almeida & M. C. Lima-Hernandes (ed.), *História do Português Paulista*. Série Estudos, vol. III, Campinas, UNICAMP / Instituto de Estudos da Linguagem, p. 25-44.
- SILVA, F. P. (2014) «A categoria de futuro do presente nos usos do português do Brasil: uma discussão a partir de estudos funcionalistas», in *XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014)*, João Pessoa, p. 1023-1037.
- SILVA DIAS, E. (1933) *Syntaxe Historica Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora. [1918, 1.<sup>a</sup> ed.]
- SQUARTINI, M. (2001) «The internal structure of evidentiality in Romance», *Studies in Language*, 25, 2, p. 297-334. [<https://doi.org/10.1075/sl.25.2.05squ>]
- SQUARTINI, M. (2004a) «La relazione semantica tra Futuro e Condizionale nelle lingue romanze», *Revue romane*, 39, p. 68-96.
- SQUARTINI, M. (2004b) «Disentangling evidentiality and epistemic modality in Romance», *Lingua*, 114, p. 873-895.
- SQUARTINI, M. (2005) «L'evidenzialità in rumeno e nelle altre lingue romanze», *Zeitschrift für romanische Philologie*, 121, 2, p. 246-268. [<https://doi.org/10.1515/ZRPH.2005.246>]
- STEN, H. (1973) *L'emploi des temps en portugais moderne*, Copenhaga, Munksgaard.
- VION, R. (2001) «Effacement énonciatif» et stratégies discursives», in M. De Mattia & A. Joly (ed.), *De la syntaxe à la narratologie énonciative: Hommage à René Rivara*, Gap et Paris, Ophrys, p. 331-354.

## TEXTOS DE IMPRENSA

- PEREIRA, R. A. «O valor jornalístico que o terá terá», *Visão*, 15/01/2015.
- PINA, M. A. «Poderia ser jornalismo», *Jornal de Notícias*, 05/11/2007.

## CORPORA CONSULTADOS

DAVIES, Mark & Michael FERREIRA (2006-) *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. [<http://www.corpusdoportugues.org>]

CETEMPúblico (s/d). [<http://www.linguateca.pt/CETEMPúblico/>]

C-Oral-Rom